

## LITERATURA NOTA DEZ: A LEITURA AO ALCANCE DO LEITOR

*Vera Teixeira de Aguiar<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O artigo discute critérios para seleção de obras literárias para crianças e jovens, tendo em vista a adequação que aproxima crianças e jovens da literatura. A indicação das obras é acompanhada de comentários que destacam aspectos relacionados ao texto (tema, gênero, linguagem, estrutura, forma) e à composição do livro (projeto gráfico, ilustração, capa). Elementos teóricos da estética da recepção e da sociologia da literatura norteiam as reflexões desenvolvidas no artigo.

Palavras-chave: leitura; literatura infantil; critérios de seleção

**ABSTRACT:** The article discusses criteria for the selection of literary texts for children and young readers aiming to verify what makes them appreciate the world of literature. The selection is followed by comments that emphasize aspects related to the text (theme, genre, language, structure, form) and to the book design (graphic project, illustration, cover). Theoretical principles of reception aesthetics and of the sociology of literature guide the reflections carried out in the essay.

Keywords: reading; children's literature; selection criteria

Quando nos propomos a indicar a nossos alunos textos literários para leitura em classe ou extra-classe, cabe-nos estabelecer critérios de seleção do material, derivados de uma determinada concepção de literatura. Para isso, consideramos, aqui, o amplo campo literário, composto de um sistema de produção, circulação e consumo de livros, objetos simbólicos representativos dos valores e comportamentos de uma dada sociedade. Importam, pois, os autores, as características intrínsecas das obras, os mecanismos de composição dos livros (projeto gráfico, ilustração, edição, revisão) e, sobretudo, os leitores propriamente ditos e suas preferências e maturidade de leitura. Só a atenção às relações entre esses agentes no complexo campo literário, em interface com os demais campos que compõem o todo social, pode fornecer elementos para o estabelecimento de critérios que orientem a escolha das obras.

Em se tratando da leitura infantil e juvenil, entre todos os elementos que interagem no processo, avulta o papel do mediador entre o leitor e o livro, situado em várias das instâncias referidas, mas sempre um adulto em direção a uma criança ou a um jovem. Em grau maior ou menor, ele interfere na indicação de leitura, em várias situações sociais, a começar pelas familiares e as escolares, privilegiando textos e modos de ler. Nesse sentido, o mediador adulto reflete sempre uma concepção de infância e juventude, ao mesmo tempo em que dialoga com as várias instâncias sociais que difundem a leitura. Ao avaliarmos e selecionarmos o acervo ao dispor do público, exercemos também a função de mediação e é, pois, com um olhar de dentro do processo, que agora nos colocamos.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora da PUC-RS.

Nessa perspectiva, vamo-nos ater ao livro e ao leitor, certos de que o primeiro cataliza todo o esforço de criação, produção e circulação até a nós chegar, e o segundo é o destinatário a que, em princípio, ele se dirige (mesmo que não necessariamente, porque a literatura infantil e juvenil é **também** para as crianças e jovens). Estamos certos, pois, de que o adjetivo que nomeia tal literatura é inclusivo, e não excludente, isto é, tal obra não se distingue das demais e acata os leitores de todas as idades. Excludente é a literatura para adultos que, por si só, afasta os pequenos leitores.

Assim sendo, vamos estabelecer os quesitos da obra literária, produto final, enquanto texto e enquanto livro, como quer Roland Barthes. Se o texto se inscreve na linguagem, como campo de prática teórica, epistemológica e existencial, o livro é o objeto concreto, acabado, que se tem em mãos, portador do texto. É esse o produto computável que se oferece ao leitor. Portanto, a ele vamos nos ater, em seus aspectos textuais e também materiais. Isso posto, estabelecemos critérios que dizem respeito ao texto (tema tratado, gênero, linguagem, estrutura e forma), de um lado, e outros referentes à composição do livro (projeto gráfico, ilustração, capa), de outro. No entanto, todos esses tópicos, dos quais cobramos qualidade estética, precisam ser avaliados dinamicamente, em sua interação com o leitor.

Para que isso aconteça, a literatura, como objeto simbólico, isto é, como produto material que aponta para um significado humano e universal, é concebida em todas as suas trocas sociais. Uma obra, então, não vale apenas pelo texto impresso, mas pela concepção de livro e leitor que traz consigo.

Do ponto de vista do leitor, cabe-nos trabalhar com o conceito de adequação, que aproxima crianças e jovens da literatura. Então, podemos falar em idades de leitura, desde a mais simples até a mais complexa, considerando a fase do desenvolvimento em que a criança e o jovem se encontram. Necessariamente, essas etapas não são rígidas, podendo se manifestar em momentos diferentes na vida de cada um. O que importa é pensar que todo sujeito que se torna leitor passa por essas fases e a elas volta quando sente necessidade.

Durante os primeiros anos de vida e o período que antecede à alfabetização, a criança vai iniciando-se em capacidades e habilidades que a tornarão apta à aprendizagem da leitura. É o momento da construção dos símbolos e do desenvolvimento da linguagem oral e da percepção, que permitem o estabelecimento de relações entre as imagens e as palavras. Os interesses dos pequenos dirigem-se, nessa fase, para histórias curtas e rimas, em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem a descoberta do sentido muito mais através da linguagem visual que da verbal. Paralelamente, estão presentes as histórias mais longas, que falam das situações do cotidiano infantil (de modo realístico) ou dos problemas infantis (através da fantasia) e são lidas ou contadas pelo adulto.

Aqui se encaixam, por exemplo, as histórias de Rei Rolo (**Rei Rolo e a procura, Rei Rolo e o banho, Rei Rolo e Rei Chico**), de David Mackee, publicadas pela Editora Ática, em 1981, que tratam dos afazeres diários dos pequenos, ou **Alguns medos e seus segredos**, de Ana Maria Machado, com a chancela da Editora Frente, em 2007, livro composto por três contos que tematizam

o medo a partir de um ponto de vista distinto: no primeiro, é a mãe que tem medo; no segundo, as crianças temem as figuras comuns ao imaginário infantil e o filho do caseiro, a Fome; no terceiro, o menino tem medo de lobo e o lobo, de caçador. Como se vê, a temática desdobra-se em múltiplas facetas, mostrando à criança que o medo pode estar em muitos lugares, faz parte da vida e pode ser enfrentado.

Quando a criança entra no período de alfabetização, ela começa a decifrar o código escrito e faz uma leitura silábica e de palavras. A motivação para ler é muito grande e a escolha recai sobre livros semelhantes aos da etapa anterior, agora decodificados pelo novo leitor. É importante, contudo, que os textos não sejam escolhidos apenas por sua facilidade de decodificação, mas estimulem a fantasia, a criatividade e o raciocínio do leitor iniciante.

A partir de então, ele evolui da simples compreensão imediata à interpretação das idéias do texto, adquirindo fluência no ato de ler. A aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa, bem como o desenvolvimento das capacidades de classificar, ordenar e enumerar dados permitem que a criança se adentre mais nos textos e se volte para leituras mais exigentes. Esse é um período em que se mantém a mentalidade mágica, quando o leitor vai buscar, nos contos de fadas, nas fábulas, nos mitos e nas lendas, aqueles ingredientes simbólicos necessários à elaboração de suas vivências. Através da fantasia, vai compreender melhor a realidade que o cerca e o seu lugar no mundo.

Então, os contos de fadas tradicionais alimentam o imaginário infantil e contemplam, no plano mágico, os conflitos que a criança vive em sua descoberta do mundo. À sua semelhança, os contos modernos revitalizam o gênero, como **O vestido luminoso da princesa**, de Ivan Ângelo, em edição da Richmond, em 2006. O tratamento do tema, caro aos contos de fadas tradicionais, do bem que vence o mal da inveja, enriquece-se pela linguagem, que se vale de diálogos, oposições, verbos de ação. O desenrolar da trama afirma o valor da fantasia e do modo mágico de ver o mundo. Nesse sentido, o texto valoriza o universo infantil, aceita a criança como ela é e abre-lhe horizontes para novos contos de fadas, em outros mundos possíveis.

Aos poucos, os elementos mágicos vão dando lugar aos dados do mundo, e passam a interessar histórias em que fantasia e realidade estão lado a lado. Um exemplo já clássico dessa situação vamos encontrar em **Os meninos da Rua da Praia**, de Sérgio Capparelli, publicado em 1979 por L&PM Editores, história em que o cotidiano sofrido dos meninos favelados e vendedores de jornais convive com a humanização da tartaruguinha que encontram, num misto de real e magia. Também é possível citar o livro de Paula Mastroberti, **Cinderela: uma biografia autorizada**, publicada em 1997, pela Editora Mercado Aberto. A autora ali reproduz a história da personagem clássica, substituindo as representações e soluções mágicas por expedientes do mundo real (a fada que faz aparecer o rico vestido com que Cinderela vai ao baile, por exemplo, tem sua contrapartida na figura do estilista e costureiro, que oferece à jovem um dos seus modelos magníficos). O processo criativo, no livro em questão, combina realidade e magia através do recurso intertextual, porque sua leitura resgata a fantasia da personagem original.

A seguir, o jovem atinge o estágio do desenvolvimento que Piaget denomina das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos, que acontece gradativamente. A capacidade de discernimento do real e a maior experiência de leitura favorecem o exercício de habilidades críticas, permitindo ao leitor não só interpretar os dados fornecidos pelo texto, como também se posicionar diante deles, organizando seus referenciais éticos e morais. As preferências por livros de aventuras, em que os problemas são resolvidos por grupos, vêm preencher as necessidades do jovem de iniciar-se no questionamento da realidade, ampliando sua dimensão social. São importantes, agora, os textos que, valorizam a participação do jovem, dando-lhe poder de iniciativa e decisão, capacidade de resolver situações e vencer os adultos. É o que consegue João Carlos Marinho, com **O gênio do crime**, em reedição da Editora Ediouro, em 2006, história em que o menino detetive, liderando um grupo de amigos, desvenda o crime, vencendo o bandido e o detetive adulto, versão aproximada de Conan Doyle.

O período adiante é aquele em que o jovem elabora seus juízos de valor e desenvolve a percepção dos conteúdos estéticos. Sensível aos problemas sociais, ele se interroga sobre suas possibilidades de atuação na idade adulta, que se avizinha. A busca da identidade individual e social e o maior exercício da leitura têm como dividendo uma postura crítica diante dos textos, através do cotejo de idéias, da tomada de posições. Livros que abordam problemas sociais e psicológicos são de interesse do jovem, possibilitando-lhe a reflexão e a opção por comportamentos que descobre como mais justos e mais autênticos. Nessa categoria encontramos **O negro da chibata**, de Fernando Granato, com o selo da Editora Objetiva em 2006, que apresenta, em linguagem clara, coloquial e cuidada, a biografia ficcionalizada de João Cândido, o Almirante Negro. De forma respeitosa e sem preconceitos, o livro oferece ao leitor a oportunidade de conhecer o outro lado da História e, desse modo, avaliar melhor a realidade brasileira. Em texto coerente e abordagem aberta e crítica, permite uma experiência estética válida e rica para sua formação ética e cultural.

Como vimos, as idades de leitura relacionam-se a interesses diversificados, mas outros fatores também interferem nas preferências literárias do leitor: são as condições ambientais, os apelos de outros objetos culturais, os produtos diferenciados para meninos e meninas, o acesso a uma diversidade de materiais de leitura, os modelos de leitor/não leitor com que cada um convive, a tradição oral da sua comunidade, entre outros.

Para que seja possível discutir critérios de seleção da leitura a ser oferecida a crianças e jovens, vale, portanto, ter em mente alguns princípios básicos: o atendimento aos interesses do leitor, a provocação de novos interesses que lhe agucem o senso crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo ficcional e poético.

Mas, se os interesses do leitor são, sem dúvida, um dos aspectos a levarmos em conta na hora de oferecer-lhe os livros, importa, ainda, escolhermos o material de leitura a partir de critérios de qualidade. Como já referimos, esses critérios dizem respeito à obra literária enquanto objeto concreto, para o qual contribuem os

aspectos positivos de todo o projeto gráfico, aí incluindo desde a capa e o papel até os jogos de textos e paratextos, imagens e ilustrações, como diálogos que provocam sentidos.

Um livro publicado pela Editora Cosac Naify, em 2006, chama a atenção. Trata-se de **Ismália**, o poema de Alphonsus de Guimaraens, em composição única, cores escuras, forma de sanfona. As páginas desdobram-se verticalmente, e as imagens salientam a terra, o luar e o corpo que cai, provocando um ato de ler do alto ao baixo, que mimetiza o suicídio de Ismália, em sua loucura. Todo o projeto gráfico assegura os significados que o poeta constrói, oferecendo ao jovem leitor, em linguagens múltiplas, um dos mais belos textos poéticos da literatura brasileira.

Assim, toda a composição do livro parte do potencial oferecido pelo texto verbal que, por suas características originais, revigora o gênero e incentiva um diálogo provocador com o leitor. Através da construção literária, abrem-se para ele novos modos de viver e de conviver, alargando suas referências culturais e existenciais. Por esses caminhos, Roseana Murray, com **Pêra, uva ou maçã**, obra publicada pela Editora Scipione, em 2006, cria poemas em que jogos de sons, ritmos e imagens descortinam um mundo imaginário, provocam o jovem leitor, mostrando-lhe o que a arte pode oferecer em termos de fantasia, imaginação, emoção. Não é por acaso que a ilustração de Ana Raquel multiplica os sentidos, pois, através da riqueza das imagens, dinâmicas, criativas e, às vezes, surreais, ela reafirma para o leitor a possibilidade de inventar, para si, um universo muito maior.

Enfim, no processo de seleção de textos literários, isto é, na busca da literatura nota dez, precisamos apostar no leitor e estar atentos a critérios que o valorizem, porque o sabemos capaz de ler, reler e criar.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994, Vol. 1.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: UNB, 1994.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- ESCARPIT, Robert et alii. **Hacia una sociologia del hecho literario**. Madrid: Edicusa, 1974.
- \_\_\_\_\_. Robert. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: FGV/UNESCO, 1976.
- \_\_\_\_\_. Robert. **Sociologie de la littérature**. Paris, PUF, 1973.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. 2v.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação da ciência literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARIA, Luzia de. **Leitura & colheita**. Petrópolis, Vozes, 2002.
- PERUZZO, Cícilia Maria Krohling et ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). **A mídia impressa**. São Paulo: UNIDERP/INTERCOM, 2002.